

A ENTREVISTA (1966): REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL SOCIAL DAS MULHERES DE CLASSE MÉDIA ALTA BRASILEIRA NO GOLPE MILITAR DE 1964.

ANA LUÍZA SILVEIRA DE SOUZA¹; MATHEUS LEITES DOS PASSOS²; PABLO ROBERTO ALVES ARAUJO DE OLIVEIRA³; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – analuizasdesouza205@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – mpmatheuspassos@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – rubertopabl.estudante@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado foi realizado na disciplina de Cinema Brasileiro, ofertada no semestre 2024/02 do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas, com a proposta de interpretar e analisar as características narrativas e estéticas de uma obra cinematográfica brasileira de qualquer época. A obra analisada em questão foi *A Entrevista*, curta-metragem realizado por Helena Solberg em 1966, em que buscou-se investigar como o pensamento feminino foi retratado no filme.

A Entrevista é o primeiro curta-metragem da realizadora, tida como a única diretora mulher do movimento intitulado Cinema Novo. Este movimento, composto por filmes produzidos majoritariamente entre as décadas de 1950 a 1970, tinha em sua gênese uma necessidade de inovar, em temática e em linguagem, e objetivava tratar questões sociais que atravessavam o país no período.

No entanto, um importante ponto a ressaltar é que tratava-se de um movimento dos jovens cariocas brancos e de classe média, que visavam um melhor equilíbrio entre distintas camadas da sociedade (GOMES apud DESBOIS, 2016). Partindo desse princípio, o documentário de Helena Solberg apresenta um conjunto de comentários de mulheres de classe média e alta, entre 19 e 27 anos, acerca de questões como casamento, sexualidade e liberdade.

A partir deste estudo, pretendeu-se compreender o papel social das mulheres da época, as divergências de pensamento e a crítica envolvendo a participação das mesmas no golpe militar de 1964, através da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, por meio da observação dos relatos das entrevistadas e das escolhas estéticas da diretora.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Este trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, que buscou analisar as intenções de Helena Solberg com o curta-metragem *A Entrevista*, filme lançado em 1966, durante a Ditadura Militar. A escolha da obra como objeto de estudo ocorreu pela margem de crítica aos eventos que afetaram toda a população brasileira da época.

A pesquisa ocorreu com decorrência das etapas na ordem que se segue: análise do conteúdo visual e sonoro, e da montagem que compõe o curta; pesquisas em torno do movimento Marcha da Família com Deus pela Liberdade e

suas consequências; e investigações sobre o pensamento patriarcal na sociedade brasileira da época, com foco nas mulheres e como isso influenciou na movimentação das mesmas na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, contribuindo posteriormente na efetivação do golpe civil-militar de 1964.

Após as etapas de investigação, foi desenvolvido um resumo expandido e uma apresentação oral, voltada aos colegas da disciplina de Cinema Brasileiro. O trabalho em questão foi a avaliação final da cadeira.

A análise da obra utilizou da abordagem metodológica da Análise Fílmica de AUMONT *et al.* (1995). Segundo o autor, existem dois traços fundamentais na compreensão fílmica: o fato da imagem ser plana (ou bidimensional) e o fato de ser composta em um quadro e, assim, limitada. Dessa maneira, podemos abordar o quadro como uma escolha que limita o que será mostrado na narrativa e, por isso, uma forma de entendermos aquilo que as escolhas estéticas de um diretor propõem ao filme.

Para compreender o estilo e referências de Helena Solberg, e assim interpretar sua forma de criação, utilizou-se de TAVARES (2011). Na linguagem da diretora, os relatos permanecem anônimos utilizando *voice-over*, e o que vemos em tela é uma mulher em um dia qualquer, que arruma-se, faz compras e vai à praia. Enquanto as falas somam ou divergem entre visões conservadoras e progressistas, percebemos que a personagem prepara-se para o dia de seu casamento, tratando-o como algo cotidiano, sem demonstrar que aquele seria o momento mais feliz de sua vida. Todavia, durante o início da cerimônia, é notável o contentamento da mesma com a situação, demonstrando que em uma sociedade patriarcal, ela só poderia ser completa a partir do matrimônio como forma de domesticação da mulher.

Então, a acompanhamos tirando sua roupagem de noiva e, pela primeira vez na obra, som e imagem estão sincronizados. A mulher, representada por Glória Solberg, irmã da diretora, principia um diálogo com Helena acerca da idealização do casamento. No plano seguinte, sentadas em um sofá, a conversa segue e Glória compara-se com as demais participantes do documentário e reflete sobre sua posição diante do contexto de dominação patriarcal.

É uma coisa que eu tinha que fazer aquilo, porque não era mais possível. Eu me localizava naquela imagem do negócio do Moby Dick, assim. Você tinha que matar aquela baleia, porque senão você não ia para frente. Eu me identificava com uma série de problemas, [...] evidentemente, eu sinto uma série de incoerências na minha vida, mas que inclusive eu tenho a impressão que eu tenho mais consciência. Eu resolvi assim, aceitar minha ambiguidade em determinadas coisas e minha incoerência em determinadas coisas. Porque eu realmente reconheço que muitas vezes eu não consigo agir do jeito que eu acho que eu devo. [...] mas eu tenho a impressão que eu tenho que há um mínimo mais de lucidez da própria incoerência e da própria ambiguidade. (A ENTREVISTA, 1966)

A entrevista realizada com Glória e suas incoerências revela um pouco daquilo que traduz a relação de Helena com o filme: “Trata-se de uma trajetória coerente que parte de questões pessoais para tentar compreender, num primeiro momento, sua identidade como mulher e a decisão entre seguir a carreira profissional ou a vida familiar” (TAVARES, 2011, p. 16). Vemos isso durante os créditos iniciais, quando surge uma cena com fotografias estáticas acompanhadas por sons fora de quadro que remetem a uma ligação à família tradicional e à religião.

Na entrevista final, uma música silencia a voz de Gloria e aos poucos, apresenta-se ao espectador a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, movimento que ocorreu em muitas cidades do país onde se reuniram milhares de pessoas, atendendo ao chamado de diversas associações civis. Essas movimentações vieram como resposta às propostas de reforma feitas pelo então presidente João Goulart, que se reunia em comícios em defesa das Reformas de Base.

Diversas lideranças de esquerda participaram desses encontros, juntamente com estudantes e sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos. Esses comícios foram bem recebidos por parte da população, tendo como preceitos o fim da política de conciliação, além de reformas estruturais necessárias, como a reforma agrária, dentre outras mudanças propostas para a sociedade brasileira.

Por outro lado, partidos de oposição e setores organizados de direita, como grupos anticomunistas e grupos de estudantes democráticos, receberam os atos com apreensão e desespero. Os principais veículos de comunicação trouxeram versões distorcidas das propostas de Jango e lançavam um apelo à “mulher paulista, mãe paulista, esposa paulista, irmã paulista” (CORDEIRO, 2021).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, Helena Solberg desenvolve um recorte sobre pensamentos da época, dando voz a mulheres que viviam reprimidas e submetidas a uma imposição de dogmas e valores conservadores, a partir de uma narrativa documental estruturada, criando um senso não-hegemônico de reflexões femininas a partir das vivências. A obra, portanto, demonstra que o patriarcado não só fere, mas também manipula mulheres em um sistema degradante a partir de movimentos conservadores e de doutrinação.

Enquanto isso, podemos vincular as falas conservadoras apresentadas no documentário com um discurso ideológico sobre o papel da mulher. Discurso esse que impacta profundamente a sociedade até hoje, para além de permear o pensamento popular, podendo, assim, desenvolver movimentos como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que deu respaldo ao golpe militar de 1964 no Brasil.

A experiência de análise da obra de Helena Solberg, como forma de investigar o pensamento das mulheres de classe média brasileira, em plena Ditadura Militar, foi essencial para desenvolvemos uma consciência crítica do cinema. Para além de enxergar o filme como uma obra estética e que possuí uma linguagem própria, pode-se compreender a sua importância como um documento que revela sobre um período da sociedade e que serve como fonte de memória.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J. et al. **A Estética do Filme**. Campinas: Papirus, 1995.

DESBOIS, L. **A odisseia do cinema brasileiro: da Atlântida a Cidade de Deus**. Companhia das Letras, 2016.

CORDEIRO, J. M. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo: Diretas, participação política e golpe no Brasil, 1964. **Revista de História**, São Paulo, p. 3-9, 2021.

TAVARES, M. R. S. **Helena Solberg: trajetória de uma documentarista brasileira.** 2011. 282 f. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.